

LABORO – EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE,
CONTEMPORANEIDADE E FILOSOFIA

ANÍCIA DE JESUS EWERTON
MARIA DE LOURDES DE ABREU FERREIRA MAIA
PAULO GUILHERME SIQUEIRA RODRIGUES

DOS LAÇOS SOCIAIS AOS NOVOS SINTOMAS:
uma visão psicanalítica na contemporaneidade

São Luís
2009

ANÍCIA DE JESUS EWERTON
MARIA DE LOURDES DE ABREU FERREIRA MAIA
PAULO GUILHERME SIQUEIRA RODRIGUES

DOS LAÇOS SOCIAIS AOS NOVOS SINTOMAS:
uma visão psicanalítica na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade da LABORO – Excelência em Pós Graduação – Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Riaviz

São Luís

2009

Ewerton, Anícia de Jesus

Dos laços sociais aos novos sintomas: uma visão psicanalítica na contemporaneidade / Anícia de Jesus Ewerton; Maria de Lourdes de Abreu Ferreira Maia; Paulo Guilherme Siqueira Rodrigues. - São Luís, 2009.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicanálise, Contemporaneidade e Filosofia) – Curso de Especialização em Análises Clínicas, LABORO - Excelência em Pós-Graduação, Universidade Estácio de Sá, 2009.

1. Sintoma. 2. Laço social. 3. Novos sintomas. 4. Contemporaneidade. 5. Psicanálise. I. Título. II. Maia, Maria de Lourdes de Abreu Ferreira. III. Rodrigues, Paulo Guilherme.

CDU 159.964-28

**ANÍCIA DE JESUS EWERTON
MARIA DE LOURDES DE ABREU FERREIRA MAIA
PAULO GUILHERME SIQUEIRA RODRIGUES**

DOS LAÇOS SOCIAIS AOS NOVOS SINTOMAS:

uma visão psicanalítica na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade da LABORO – Excelência em Pós Graduação – Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Psicanálise.

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Eduardo Riaviz (Orientador)

Doutor em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

1º Examinador

Aos nossos filhos e familiares, por acreditarem e confiarem em nosso potencial.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas do curso.

Aos professores do Curso pela oportunidade de diálogo, novas leituras e debates, tão importantes na formação de especialistas, pesquisadores e estudiosos que buscam fundamentações para melhor lidar com os sujeitos contemporâneos.

E a todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e em especial ao Prof. Eduardo Riaviz, nosso Orientador, pelo incentivo e orientação.

*“Qualquer coisa que encoraje o crescimento de laços
emocionais tem que servir contra as guerras.”*

Sigmund Freud

RESUMO

Enfatiza as implicações dos novos sintomas numa visão psicanalítica na Contemporaneidade. Destaca as primeiras construções elaboradas por Freud e o percurso de Lacan na teorização do sintoma e seus efeitos decorrentes dos laços sociais. Articula algumas patologias como o fracasso escolar, a anorexia, a bulimia e a toxicomania a partir de uma perspectiva dos novos sintomas.

Palavras-chave: Sintoma. Laço Social. Novos Sintomas. Contemporaneidade. Psicanálise.

RÉSUMÉ

Détache sur les implications de nouveaux symptômes d'une vision contemporaine de psychanalyse. Faits saillants les premières recherches mis au point par Freud et Lacan sur la voie de la théorisation du symptôme et de ses effets de liens sociaux. Énonce certaines pathologies telles que l'échec scolaire, l'anorexie, bulimia et de l'abus des drogues où toxicomanie dans une perspective de nouveaux symptômes

Mots-clé: Symptômes. Les liens sociaux. Nouveaux symptômes. Contemporain. Psychanalyse.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	11
2.1	Geral	11
2.2	Específicos	11
3	METODOLOGIA	12
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4.1	Laços sociais do antigo regime ao contemporâneo – seus implicativos no sintoma contemporâneo: uma abordagem histórica	13
4.2	O estatuto do sintoma para a psicanálise	17
4.2.1	Como ocorre a formação de um sintoma	18
4.2.1.1	Sintoma por substituição	18
4.2.1.2	Sintoma por identificação	19
4.2.1.3	Formação do sintoma a partir do aparelho psíquico	20
5	OS NOVOS SINTOMAS	24
5.1	Fracasso escolar	26
5.1.1	O problema relativo de aprendizagem	27
5.1.2	Problema de aprendizagem – sintoma	28
5.2	Anorexia e bulimia	31
5.3	Toxicomania	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A opção pelo presente tema “Dos laços sociais aos novos sintomas: uma visão psicanalítica na contemporaneidade” deu-se por indagações profissionais no que diz respeito a contribuições dos laços sociais¹ na formação dos sintomas contemporâneos, especificamente aqueles que são denominados pela psicanálise como novos sintomas.

Considerou-se o referencial teórico de Sigmund Freud e Jacques Lacan neste estudo bibliográfico, onde se procurou estabelecer pontos de convergência e contradições sobre os novos sintomas, partindo do questionamento do conceito dado pela psicanálise para a palavra sintoma. A coleta das informações também foi buscada em alguns comentadores destes dois psicanalistas.

Sigmund Freud, ao iniciar a construção teórica para a psicanálise, parte de um sintoma que vem no lugar de outra coisa, isto é, ele aparece no lugar de algo que foi recalcado, é uma substituição. Freud pensa o sintoma como substituição de algum afeto recalcado e sua formação só foi possível por que a pessoa não conseguiu colocar em palavras isso que o afetou. O sintoma nesse momento fala. Ao falar, ocorre o retorno do recalcado, um sentido é atribuído a esse retorno e conseqüentemente uma interpretação lhe é dada. Freud ainda dá conta de um sintoma que está para “Além do Princípio do Prazer”, sendo este da ordem da pulsão de morte.²

Em 1930, ao escrever o texto “O Mal-Estar na Cultura”, Freud afirma que a Pulsão de morte opera invisível e silenciosamente dentro do organismo, no sentido de destruição. Garcia-Roza (2000, p. 158) diz que Freud fala dessa pulsão de morte através do sadismo e do masoquismo, agressividade ligada à sexualidade, ou então através da noção de compulsão à repetição.

¹ Foram abordados os laços sociais nas perspectivas dos vínculos que os sujeitos constroem ao se relacionarem, sem aprofundarmos a Teoria dos discursos de Lacan formulada nos anos de 1969-1970, onde estabeleceu 5 modos de laços sociais através dos discursos do mestre, do histórico, do universitário, do analista e do capitalista.

² O Sintoma como pulsão de morte é pensado por Sigmund Freud a partir da sua segunda teoria sobre as pulsões, onde é construído os conceitos de Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, essa construção ocorre em 1920 com o texto Além do Princípio do Prazer. O termo pulsão surge nos textos freudianos nos anos de 1890, contudo o primeiro conceito estabelecido pelo pai da psicanálise para este termo data de 1914 e nesse momento Freud apresenta esse conceito atrelado a Pulsão de Autoconservação e Pulsão Sexual.

Lacan inicia a teorização do sintoma para a psicanálise a partir do Seminário I (1953-54). Neste momento articula o conceito do sintoma como sendo o retorno do recalcado, ou melhor, via a possibilidade disso que foi recalcado ascender a uma realização simbólica, através da integração à história do sujeito (CONDE, 2008). Dando prosseguimento a sua clínica e a suas formulações teóricas, Lacan percebe que o sintoma também está para além do sentido, da fala, ou melhor, o sintoma tem também seu lado silencioso,³ essa parte que não se permite nenhum tipo de interpretação. Porém, o sujeito sabedor dessa impossibilidade da interpretação de seu sintoma procura fazer algo que viabilize seus laços sociais, sua existência neste mundo de empuxo ao gozo.

Os laços sociais de cada época produzem um quadro cultural que orienta o sujeito em sua subjetividade. O advento da ciência proporcionou um corte com o mundo da tradição, do misticismo; as crenças fragmentaram-se, passando a ser uma escolha individual, onde cada sujeito crê em Deus ou não. Com o surgimento do capitalismo o homem é inserido em uma nova forma de discurso, levando este a se relacionar de outro modo com o trabalho, com os produtos e as ofertas provenientes deste novo sistema, a quantidade em excesso dos produtos que, conseqüentemente, levam a uma oferta exacerbada, contribuiu para uma desregulação do sujeito diante da satisfação. Contudo Borges (2008, p. 6) diz que “as mudanças sociais só podem alterar o que podemos considerar o *envelope* do sintoma, mas não as características que o definem como formação do inconsciente, ou seja, o seu valor estrutural.” Insere-se nesse contexto autores que articulam o fracasso escolar, a anorexia, a bulimia e a toxicomania dentro de uma perspectiva de novos sintomas, numa tentativa de compreender por que estas patologias adquiriram um estatuto de novidade, uma vez que as mesmas se apresentam na sociedade bem antes do surgimento da psicanálise.

Procurou-se também esclarecer o seguinte questionamento: Quais os implicadores das configurações dos laços sociais contemporâneos nos sintomas como Fracasso Escolar, Anorexia, Bulimia e Toxicomania, a partir da visão de Freud, Lacan e seus comentadores?

³ Freud ao retomar em 1930 a problemática das pulsões de vida e de morte, através do texto “O Mal-Estar na Cultura”, atribui a pulsão de morte o seu caráter silencioso, invisível. Diante disto, o conceito de sintoma em Freud, a partir desse momento, passa a ser pensado como silencioso, isso que insiste em se repetir e não lhe cabe nenhum tipo de interpretação.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Responder às indagações pessoais e profissionais acerca dos novos sintomas e sua relação com os laços sociais na contemporaneidade.

2.2 Específicos

- Ressaltar a importância da psicanálise para uma releitura dos novos sintomas na contemporaneidade.
- Estabelecer pontos de convergência de alguns novos sintomas.
- Articular o fracasso escolar, a anorexia, a bulimia e a toxicomania dentro de uma perspectiva de novos sintomas.
- Compreender porque estas patologias adquiriram um estatuto de novidade.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada neste estudo trata-se de uma revisão da literatura, com base nos passos propostos por Castro (2001).

- Pergunta: O que a literatura descreve a respeito dos laços sociais aos novos sintomas numa visão psicanalítica na contemporaneidade e quais os implicativos das configurações dos laços sociais contemporâneos nos sintomas como Fracasso Escolar, Anorexia, Bulimia e Toxicomania a partir de Freud e Lacan?
- Localização e seleção dos estudos: serão consideradas as publicações nacionais e periódicos indexados, impressos e virtuais, específicos da área em estudo (livros, monografias, dissertações, artigos e outros).
- Período: 1920 a 2008.
- Análise e apresentação das leituras, estudos e discussões: abordagem histórica dos laços sociais do antigo regime ao contemporâneo, o estatuto do sintoma para a psicanálise, novos sintomas.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Laços sociais do antigo regime ao contemporâneo – seus implicativos nos sintomas contemporâneos: uma abordagem histórica

O termo laço, segundo Ferreira (1996, p. 1001), tem como significado “um nó que se desata sem esforço”. Este conceito nos traz a idéia dos laços sociais como relações plásticas que se desfazem ou se modificam com certa facilidade de acordo com a história, o contexto e com as relações que se estabelecem entre os homens.

Santos (2001, p. 202) advoga o que possa ser dito coletivo, ou seja, um sintoma, um discurso ou um laço social. Segundo ela, laço social envolve

[...] a análise da relação do homem com outro homem, que se modifica significativamente no contexto histórico-cultural da ascensão das religiões e do Nome-do-Pai como sintoma coletivo ao âmago da estrutura do sintoma e dos laços sociais na cultura contemporânea.

Historicamente a ascensão das religiões se deu no âmago do Antigo Regime, período anterior à Revolução Francesa que ocorreu na França nos séculos XV ao XVIII, cuja forma de governo era absolutismo, entendido como um sistema político baseado na ideia de que o poder do Rei advinha de Deus e somente a Ele, o rei, devia satisfação. Segundo Campos (2005, p. 194) a sociedade do Antigo Regime tinha como característica básica “a vigência do princípio da desigualdade. Dividida em três estados sociais (a nobreza, o clero e terceiro estado) [...] a sociedade do Antigo Regime estabelecia privilégios e direitos de acordo com a posição social de seus membros.”

Daí porque as relações pessoais se constituírem como fatores determinantes para projeto de ascensão social. A sociedade se caracterizava pela lógica do favorecimento pessoal. Fazer parte do círculo de amizade e do afeto de alguma pessoa mais poderosa e superior era fundamental para qualquer trajetória social; o princípio do mérito não tinha valor; o importante era ser amigo do rei ou de alguém poderoso.

As relações de amizade eram elementos inerentes aos códigos culturais da época. O modelo familiar era fundamental para a estruturação dos discursos legitimadores e da importância da amizade. A relação entre pai e filho servia como princípio básico na organização social, simbolicamente essa relação configurava a

mais perfeita forma de amor, evidenciando o caráter divino dessa relação harmônica, perfeita e sagrada.

O sagrado e divino tinham sentido coletivo, universalizante e os laços sociais eram imbuídos dessa ideia. Portanto, preservar a família e a amizade com o Rei ou com alguém do núcleo afetivo régio ou que atuava no cenário político era uma regra nos laços sociais.

No final do século XVII o pensamento científico se populariza. A religião deixa de ser bússola norteadora de pensamentos. No entendimento de Martins (2007, p. 15), “a autoridade, que exatamente constituía um dos alicerces da teologia [...] deveria ceder lugar a uma dúvida metódica a fim de possibilitar um conhecimento objetivo da realidade.”

O pensamento racionalista toma espaço na sociedade. O discurso da ciência modifica o sentido da verdade tomada até então como revelação, como absoluta. Santos (2001, p. 304) diz que no lugar da autoridade religiosa, o direito a igualdade e à liberdade fomenta o individualismo e a descrença próprios da razão em detrimento do sentido fundado na fé.

Com o rompimento da autoridade religiosa, a representação paterna como autoridade divina perde seu poder de lei, o representante da autoridade divina deixa de existir. Uma nova época se apresenta à sociedade: a Vitoriana – entre 1837 e 1901.

A época teve como característica a austeridade, o conservadorismo político, social e cultural e no imperialismo inflexível da Rainha Vitória da Inglaterra, e de Napoleão II, na França. Foi um período de grande prestígio para a burguesia. Era o auge da Revolução Industrial inglesa e do império britânico. Para Campos (2005, p. 303), a Revolução Industrial foi “a herdeira de um lento processo de aprendizagem em um longo percurso de surgimento de inovações técnicas.” Novas invenções se apresentavam ao mundo, luz elétrica, telégrafos, etc. Essas invenções faziam parte de um processo maior que era dar conta das necessidades de industrialização que se expandia. Para esse mesmo autor, esse acontecimento teve como consequência “a multiplicação acelerada de mercadorias e serviços [...]. Criaram-se necessidades de consumo; novos produtos [...] ampliaram o mercado consumidor.”

Os laços sociais no período vitoriano eram erigidos a partir do meio familiar, no cultivo das virtudes como a castidade, a seriedade. Os papéis sociais

eram bem definidos para homens, mulheres e crianças. Santos (2001, p. 305) comentando Lacan diz que a sociedade vitoriana viu nascer nova espécie de superstições, crenças e mitos individuais do neurótico obsessivo.

Machado (2001) ressalta que as características históricas da época eram situações reais que compuseram o quadro cultural no qual Freud viveu e produziu. A burguesia levava o indivíduo a renunciar o gozo em detrimento do trabalho e que deveria contribuir para o bem de todos. Por sua vez, o filósofo Foucault (2003, p. 11) acrescenta:

Esse discurso, sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave cautela histórica e política o protege; pondo a origem da Idade da Repressão no século VII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ela faria parte da ordem burguesa.

Com este fragmento confirma-se o entendimento de Machado (2001), pois Freud viveu em uma burguesia que exigia do sujeito uma renúncia de seu próprio gozo, gozo sexual, gozo da fala.

No limiar dessa evolução surge o estado moderno com a queda do poder monárquico, a separação e emancipação do estado do poder da igreja, o domínio econômico, social e político de toda influência eclesiástica se perde. Para Santos (2001, p.189), “a separação entre o Estado e a Igreja expande e restringe, ao mesmo tempo, as fronteiras do Cristianismo [...] limitando os direitos da religião ora, esfera pública dos assentos da consciência privada.”

À ciência moderna cabe a responsabilidade de explicar ao homem as coisas do mundo, o sujeito pergunta por tudo, interroga a natureza. A sociedade passa a ser influenciada pela ordem econômica. A relação capital e trabalho muda, tudo se relaciona com o modo de produção.

Nesse mundo moderno ainda persiste um resto do Pré-Moderno – a ideia religiosa de Deus como absoluto. No mundo moderno, Deus é substituído pelo ideal. O sujeito moderno passa a ter ideais e se culpabiliza por não corresponder a um ideal, falha no processo de renunciar e na sustentação do ideal.

De acordo com Machado (2001) os laços sociais na época moderna dão-se em torno do trabalho, considerado como um meio de inclusão social. O que impera nesse período é a lei do mercado que traça o limite: tudo pode se vender. É necessário produzir para vender e gerar capital, este, por sua vez, gera demanda de consumo. O trabalho não mais serve para a sobrevivência do homem ou aos seus

bens úteis, mas para o próprio capital - o ideal como absoluto cai. O avanço do capitalismo exacerbou nas últimas décadas. O advento das ciências rompe com o mundo da tradição, produzindo mudanças na subjetividade; as crenças tornam-se escolhas individuais, cada um crê em Deus ou não, ou ainda, no seu próprio Deus que não mais responde necessariamente a um vaticínio eclesiástico.

As relações de trabalho, quantidade de ofertas e facilidade de encontrar uma grande variedade de produtos contribuiu para desorientar o sujeito quanto à sua satisfação. A produção de atrativos faz desregular o gozo.

O novo laço é marcado pelo discurso “é proibido proibir”, que submete o sujeito ao consumismo exacerbado. Todos têm direito a tudo, não há mais ninguém que possa legitimamente, dizer não” (SANTOS, 2001, p. 307). Diferente das épocas anteriores, na Contemporaneidade o homem se encontra entregue a si, solto em sua própria liberdade.

Para a referida autora “a metáfora do outro já não é ‘ele me proíbe’.” O outro não proíbe nada, incita a gozar, a ir além dos limites da moral repressiva. Os efeitos não tardam. Um estado generalizado de angústia impera sob ameaça do fim do mundo, da miséria, da morte da exaustão dos recursos: “à compulsividade sexual acrescenta-se o consumismo, o trabalho como adicção, o apelo às drogas [...], o gosto pelo excesso na toxicomania e o impulso de agir sempre mais depressa, antes de pensar.”

A lógica dos laços sociais na contemporaneidade, legitimada pela relação trabalho – produto – capital – consumo, se espalha radicalizando o “declínio social da imago do pai”, expressão de Lacan. A consequência dessa nova lógica evidencia a queda da função paterna e a ascensão do discurso capitalista e seu novo imperativo – goze!; este novo discurso provoca a deriva dos sujeitos que procuram “mais, mais, mais...” (SANTOS, 2001, p. 309).

Para além das questões econômicas, políticas e sociais, a esse novo discurso interessa a insatisfação, a sensação de faltar algo, algo que está no mercado para ser consumido.

4.2 O estatuto do sintoma para a psicanálise

Para melhor entender o estatuto do sintoma para a psicanálise recorreu-se aos textos de Sigmund Freud, o criador da Psicanálise, bem como às obras de Jacques Lacan, seu interlocutor mais célebre e alguns comentadores. A leitura dos referidos textos possibilitou o devido embasamento para discorrer sobre o conceito do sintoma desde os primórdios da psicanálise até os dias atuais, ou seja, como este conceito vem sendo construído pelos estudiosos da psicanálise.

A Psicanálise surge entre 1885 e 1895, período em que Freud se dedicou em escutar suas pacientes histéricas. Essa escuta é que dá suporte a Freud para a construção da Teoria Psicanalítica. Com a Psicanálise, Freud descobre o **inconsciente**. Com a introdução deste novo conceito, ele abre uma terceira ferida narcísica na humanidade, pois com a descoberta do inconsciente Freud desbancou a razão que, por sua vez, garantia o domínio do homem sobre si mesmo. A partir do inconsciente freudiano o homem já não tem esse domínio sobre si mesmo.

As duas primeiras feridas foram: a demonstração feita por Copérnico de que a Terra não é o centro do universo e a outra foi provocada por Darwin, que retira o homem do centro da criação. Outro ponto importante a destacar com o surgimento da psicanálise se refere à instituição de uma **nova forma de Laço Social, ou seja, o Discurso Analítico**. Com este novo discurso o sujeito era levado a falar daquilo que o estava fazendo sofrer, pois Freud chegou à conclusão que esse sofrimento era decorrente de conflitos psíquicos; forças antagônicas se confrontavam em decorrência de questões sexuais.

O período desse trabalho arquitetado por Sigmund Freud é um período onde a Rainha Vitória comandava. Foi uma época de grande renúncia, onde o universal e o ideal tinham suas predominâncias. As renúncias eram feitas em nome de um ideal, as bandeiras eram sustentadas na ilusão de que um futuro venturoso estava próximo. Acerca dos estudos da Modernidade, Pós-Modernidade e Hiper-Modernidade e o Mal-Estar na Cultura Pós-Moderna, depreende-se que há uma verticalidade nessa sociedade, onde o pai ainda tinha uma função. Contudo, apesar de ainda haver uma verticalidade, esta continua enfraquecida, pois, segundo Santos (2001, p. 304), o declínio do poder de agregação simbólico da religião é correlativo do esvaziamento da verdade como revelação. Isto a autoriza a falar de um declínio da função paterna, dizendo, ainda, que:

O discurso da ciência contribuiu para esvaziar os sentidos coletivos [...] no lugar da autoridade religiosa, o direito à igualdade e à liberdade fomenta o individualismo e sem o apoio na autoridade religiosa, a função do pai de família se esvazia, não conseguindo mais transmitir a crença e a tradição. Freud ao criar o mito do complexo de Édipo enaltece a importância do pai como agente da castração, sendo que seu valor é puramente simbólico, porque o pai está morto, não há mais representante legítimo da autoridade divina na terra.

Ao formular esta nova teoria Freud dá às palavras que já circulavam nos saberes estabelecidos um novo conceito. Assim sendo, o sintoma para a psicanálise, que é totalmente distinto do que se concebe como sintoma médico, foi pensado por Freud como “[...] um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de recalque” (FREUD, 1925-1926?). Freud estabelece algumas características para o sintoma: 1) denota a presença de algum processo patológico; 2) relaciona-se a uma formação inconsciente.

Dito de outro modo, o sintoma psicanalítico está relacionado à questão do desejo; algo inconsciente do sujeito não ascendeu à consciência. Este é um ponto que Lacan marcou em seus estudos, ou seja, a imbricação entre desejo e sintoma. É a partir desta ênfase dada por Lacan que a psicanálise pode estabelecer para o sintoma um lugar completamente diferente daquele do discurso médico (CONDE, 2008).

4.2.1 Como ocorre a formação de um sintoma

Procurou-se descrever a formação do sintoma segundo as construções teóricas de Sigmund Freud no início do século XX. A construção deste conceito está respaldada na escuta que Freud teve de suas pacientes históricas e foi a partir desta escuta que ele articulou os conceitos que formam a Psicanálise.

4.2.1.1 Sintoma por substituição

Segundo Freud, um sintoma surge quando ocorre uma falha no recalque. O impulso desagradável, desprazeroso, encontra um substituto eliminando assim a luta defensiva contra um impulso pulsional desagradável. Ainda de acordo com o Pai da Psicanálise, o impulso substitutivo é levado a efeito. Não há qualquer sensação

de prazer. Sua realização apresenta, ao contrário, a qualidade de uma compulsão, ocorrendo assim, uma repetição desse impulso.

A presença de um sintoma pode impor uma diminuição de capacidade, e isto pode ser explorado para **apaziguar alguma exigência do superego** ou **para recusar alguma reivindicação proveniente do mundo externo**. Dessa forma, o sintoma gradativamente vem a ser representante de interesses importantes; verifica-se útil na afirmação da posição do eu e se funde cada vez mais estreitamente com o ego, tornando-se cada vez mais indispensável a ele (FREUD, 2000). A substituição também pode ser explicada a partir de um processo metafórico, o sintoma aparece no lugar de algo que foi recalçado, daquilo que não foi possível ser falado, colocado em palavras pela pessoa.

4.2.1.2 Sintoma por identificação

No rascunho **N**, Freud (2000) fala dos motivos para a construção do sintoma e assim diz: “O primeiro motivo para a construção de sintomas é, cronologicamente, a libido. Portanto, os sintomas, como os sonhos, são a realização de um desejo”. Esse posicionamento de Freud no que diz respeito ao sintoma é aceito a partir de que se toma o sintoma como algo que poderia ser decifrado, interpretado, como algo da ordem do significante. Posteriormente Freud também pensa o sintoma com sendo este pulsional, estando assim por fora de interpretação, de deciframento. Neste texto, Freud também articula que a construção de sintomas por identificação tem uma ligação com as fantasias, mas precisamente com o seu recalçamento no inconsciente.

O sintoma por identificação também é articulado por Freud (1921) no sonho da *Bella Açougueira* e no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Contudo, a formação do sintoma por identificação com o objeto perdido encontrará seu ponto de maior elaboração em *Luto e Melancolia*.

Segundo Portilho (1998), nessa aludida obra, Freud traça a diferença entre a identificação regressiva e identificação histórica. Na identificação regressiva ocorre uma renúncia ao investimento do objeto, mas não ao vínculo amoroso, o qual logo após abandonar o objeto, refugia-se no eu. Por outro lado, na identificação histórica persiste o investimento de objeto, expressando-se seu efeito como “ações e inerações singulares.” Este tipo de identificação não contempla a perda do objeto

de identificação, pois nela o vínculo amoroso expressa um caráter comunitário. A formação de sintoma por identificação não diz respeito a um desejo hostil recalcado, mas se refere a um desejo denegado ou insatisfeito.

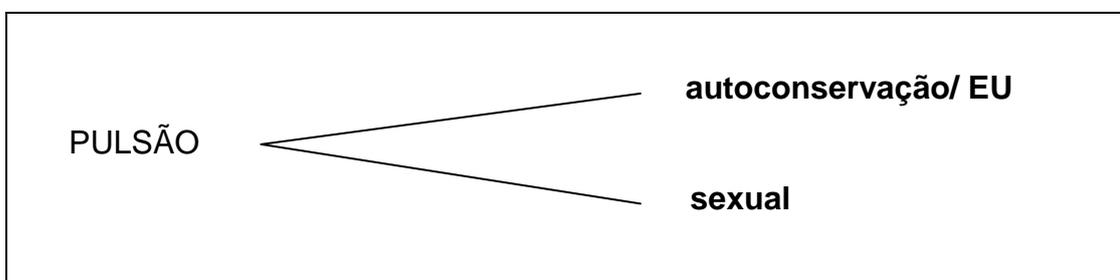
4.2.1.3 Formação do sintoma a partir do aparelho psíquico

O sintoma é quando ocorre a repetição da mesma coisa, é aquilo que manca em relação a um ideal. Só ocorre sintoma analítico quando o sujeito faz uma autoavaliação, uma implicação subjetiva, ou seja, o sujeito abre a dimensão de questionamento para seu sofrimento.

Existe uma diferença entre o sintoma e as outras formações inconscientes (lapso, chiste, sonho e ato falho), sendo que o sintoma tem o caráter da repetição, enquanto as outras formações inconscientes não apresentam essa característica. No momento em que o sonho, o chiste, o lapso e o ato falho entram na cadeia da repetição eles passam a ser considerados como um sintoma.

Para Freud o sintoma é a realização de um desejo, um desejo inconsciente e incestuoso. Esta construção freudiana foi sustentada a partir da gênese do aparelho psíquico, aparelho esse que é construído, pois a criança ao chegar ao mundo vem apenas com um corpo pulsional, o que levou Freud a construir assim sua primeira tópica (Figura 1):

Figura 1 - Primeira teoria de pulsão de Freud



Sendo a criança apenas um corpo pulsional ao nascer, no ato de mamar ela obtém uma satisfação que atinge os dois tipos de pulsão (autoconservação e sexual), ou seja, ao sugar o peito de sua mãe ela garante sua sobrevivência, sua conservação neste mundo, satisfazendo suas necessidades de nutrição. Por outro lado, neste mesmo ato de sugar o peito da mãe, ela obtém uma satisfação sexual,

pois neste momento ocorre uma estimulação de sua zona erógena (boca). Nesse instante também são inscritos os primeiros traços mnêmicos.⁴

Essa primeira satisfação, pensada pela psicanálise, leva a criança alucinar o objeto⁵ que lhe proporcionou esse momento satisfatório. No entanto ela não pode ficar presa a esse instante primordial, ou seja, nessa alucinação, pois se assim o fizer morrerá. Para a sobrevivência da criança esse objeto fica perdido para sempre, o que vai constituir nela uma falta, falta esta inerente a todo o sujeito, levando-o a constituir suas fantasias. É em decorrência de suas fantasias que a sexualidade se instala.

A partir dessa perda, dessa falta, nasce o sujeito de desejo; o sujeito deseja recuperar esse primeiro momento da experiência de satisfação. Podemos pensar que essa experiência o faz **afirmar um compromisso** para recuperar esta satisfação; assim, Freud postula o inconsciente a partir dessa formação de compromisso. Como o objeto perdido é incestuoso, torna impossível sua recuperação; o sujeito encontra outras maneiras de satisfazer seu desejo, e, uma das maneiras é através do sintoma; por isso, ele recebe o caráter de satisfação de um desejo inconsciente.

Para melhor explicitar apresentam-se na Figura 2 a seguir os tipos de pulsão elaborados por Freud (2000).

⁴ Traço mnêmico: expressão utilizada por Freud ao longo de sua construção teórica para designar a forma como os acontecimentos inscrevem-se no aparelho psíquico.

⁵ O termo objeto aqui usado está relacionado à concepção freudiana no que diz respeito ao objeto de satisfação da pulsão.

Figura 2 - Tipos de pulsão segundo Freud

Pulsão do EU/ autoconservação	PROCESSO SECUNDÁRIO / consciente (ideais da época/ moral da época) Princípio de Realidade Sintoma { F. de compromisso F. do inconsciente	Sistema consciente e Pré- consciente / memória
Pulsão sexual	PROCESSO PRIMÁRIO / inconsciente (Sujeito de desejo / Alucinatoriamente) Princípio de Prazer Experiência de satisfação	Sistema inconsciente com sua legalidade / recalque

* Há um ponto de emergência do sujeito do inconsciente que possibilita a manifestação do sintoma.e consequentemente sua interpretação.

O sintoma é visto como uma formação do inconsciente e de compromisso; apresenta-se como uma cifra, uma mensagem e está articulado ao campo do Outro. Dentre as características do sintoma cita-se a **insatisfação**. Por que os traços não lhes são próprios vem do outro, ou melhor, das **identificações que estabelece com o outro**. O sintoma aqui está articulado ao **desejo, à falta**.

E por que o sintoma está articulado no campo do Outro? Esta construção ocorre porque o sujeito é constituído de linguagem, e esta não lhe é inerente. O sujeito só tem acesso à linguagem através do outro, constituindo assim suas identificações, pois lhe falta uma identidade própria.

O sintoma como mensagem pode ser decifrado. Em um processo analítico a interpretação do sintoma ocorre devido à associação livre, ou seja, o sujeito fala livremente, envolvendo-se em uma cadeia de significante. A interpretação dada assume um caráter de verdade; nesse momento, o sintoma é chamado de charlatão. A palavra charlatão deriva do verbo italiano *ciarlare* que significa falar à toa, tagarelar (FERREIRA, 2004, p. 342). *Charla* por sua vez é aquilo

que fala. Foi como fala que Freud pensou o sintoma inicialmente, e sendo falante ele se oferecia ao deciframento. Para Miller (2002) quando o sintoma se permitia ser interpretado, ele o denominou de uma Idade de Ouro, que logo foi perdida, pois Freud passou a analisar as resistências. Na Contemporaneidade o sintoma não nos fala, ele é silencioso, assunto este que será abordado mais adiante.

5 OS NOVOS SINTOMAS

No mundo contemporâneo presencia-se o enfraquecimento do nome do pai, desse grande outro em favor do discurso da ciência e do capitalismo; porém esses novos discursos incidem diretamente na subjetividade. Vive-se em uma sociedade de consumo, pois é jogada no mercado de forma compulsiva uma grande quantidade de objetos para serem consumidos após um trabalho de *marketing* ostensivo, que resulta no surgimento de novas demandas de algo, e assim novos objetos são ofertados com o intuito de tamponá-las. O declínio do grande Outro da lei, na realidade vem acontecendo desde o estado moderno e com o surgimento da Psicanálise, que também tem sua participação nesse enfraquecimento, quando leva o sujeito ao questionamento dos seus ideais, retirando-o do universal e levando-o à singularidade. Este declínio foi impulsionado por esses questionamentos.

Com essa alteração na subjetividade a Psicanálise de orientação lacaniana também se vê convocada a mudar sua direção, pois antes todo seu direcionamento era em relação do sujeito com o desejo, esse regulado pelo falo; contudo na Contemporaneidade a psicanálise observa a relação do sujeito com o gozo.

Se o sujeito contemporâneo está atrelado ao seu gozo, seus laços sociais já não apresentam a mesma consistência da modernidade; hoje se vive em uma sociedade onde a liquidez dos liames é constatada. O discurso do capitalista⁶ tenta através da solidariedade estabelecer uma nova forma de laço social. Segundo Bauman (2004, p. 91), “[...] os especialistas em *marketing* levam sua engenhosidade ao limite para indicar maneiras de adquirir em lojas a solidariedade, o sorriso amigo, o convívio ou a ajuda no momento de necessidade. Constantemente têm êxito – e constantemente fracassam.”

O êxito obtido dá-se quando atinge o objetivo de consumo e seu fracasso é entendido porque os objetos adquiridos não substituem os vínculos humanos.

Diante desses novos discursos, do capitalismo e da ciência, também nos confrontamos com os novos sintomas, estes estão relacionados ao gozo, ao UM,

⁶ O discurso do capitalista foi o quinto discurso formulado por Lacan para dar conta dos laços sociais. Este último discurso foi apresentado em uma conferência pronunciada em Milão em 12 de maio de 1972, cujo estatuto é totalmente diferente dos quatro primeiros discursos, pois este não faz liame social.

não passa pela intermediação do outro, podendo-se caracterizá-lo como silencioso, porque não fazem laços, pois os mesmos estão casados com seu objeto de gozo.

Freud em um segundo momento de sua construção teórica, apresenta o sintoma atrelado a uma pulsão de morte. Lacan também em um segundo tempo de seu ensino dá uma nova construção para o sintoma, isto é, o mesmo ligado ao gozo, ao real. O sintoma como real deixa o campo do outro para pertencer ao campo do UM, ao corpo libidinal, aqui ele encontra uma satisfação, uma satisfação silenciosa, uma certeza.

O sintoma nesta dimensão é um acontecimento de corpo, de um corpo libidinal, pulsional e nesta condição ele está por fora do imaginário e simbólico, ele é real, objeto “a” e passa a ser chamado por Lacan no Seminário XXIII como *Sinthoma*.

Pode-se pensar em novos sintomas porque o sujeito contemporâneo é comandado por objetos, está perdido entre a necessidade⁷ de algo que o preencha e a demanda de amor, que lhe falta. Isto posto, vê-se as mães angustiadas diante do choro de seus filhos, aos quais elas atendem como necessidade de algo e não como demanda de amor, diferença tão fundamental para a constituição do sujeito. Recalcati (2004, p. 50) torna claro que:

[...] a necessidade indica a dimensão fisiologia-biológica da urgência, um estado de necessidade leva o sujeito para sua própria resolução, isto é, a fome leva o homem a procurar comida. Contudo para que a necessidade seja satisfeita é necessário que se passe pela demanda. Só através da demanda a necessidade pode ser dirigida a outro e desse modo satisfeita (tradução nossa).

Por outro lado, toda necessidade é dirigida ao Outro, e no limite desta há uma demanda de amor; pois dar amor é entregar ao outro algo que não possuímos, é dar nossa própria falta; amar não é a positividade da entrega de um objeto, mas sim a negatividade constitutiva do sujeito faltoso, do sujeito de desejo. Lacan em suas construções diz que o sujeito nasce inserido no campo do Outro, em outras palavras, no campo da cultura. As suas necessidades são modeladas pelos significantes do Outro da cultura. Assim sendo, a demanda é a necessidade modificada pelo significante. Os novos sintomas são discutidos hoje tomando por

⁷ O termo necessidade é usado neste trabalho a partir do que propõe Massimo Recalcati. Contudo, existe outro entendimento na psicanálise segundo o qual o sujeito não tem necessidade porque, ao ser inserido no campo da linguagem, no campo da cultura, no campo do Outro, a necessidade biológica se converte em demanda de algo. Essa demanda é da ordem do desejo, daquilo que falta, ou seja, o sujeito passa a querer ser acolhido por alguém, passa a demandar amor.

base sua relação com o gozo, não com o desejo. Em outras palavras, a novidade dos sintomas contemporâneos baseia-se não mais em sua relação com o desejo, como outrora, mas com o gozo.

5.1 Fracasso escolar

As mudanças ocorridas no discurso da cultura acarretaram mudanças nas relações familiares, o que implica novas formas de estar no mundo, com traços particulares, diferentes de outras épocas. Por isso considera-se a existência de novos sintomas e entre os quais citamos a toxicomania, a anorexia, bulimia, fracasso escolar, dentre outros.

Como esse novo discurso interfere na educação escolar? O tema é polêmico e o desafio grande ante as incertezas que envolvem sua etiologia. As argumentações de Cohen (2006, p. 105), tornam claro que:

[...] as dificuldades em precisar a etiologia do fracasso escolar se residem no aluno, no professor, na escola, no método, ou na política educacional, levam à aposta de demonstrar seu funcionamento pela lógica indecível, ou seja, como não se pode dizer onde está a verdade sobre as causas do fracasso escolar, faz-se uma aposta, uma escolha. A etiologia do fracasso escolar é indecível porque sempre participa de uma determinada contingência educacional.

Contingente porque o apreender as coisas não é igual para todos. O processo é singular, logo o fracasso escolar também não pode ser generalizável. Na educação escolar, além da transmissão do conteúdo didático metodologicamente instituído, ocorre uma transmissão que escapa ao controle tanto do professor quanto do aluno porque diz respeito ao sujeito do inconsciente. Para a mesma autora o tema é desafiador tanto para a psicanálise quanto para educadores que tentam dizer algo sobre a lógica de sua funcionalidade.

Considerando que vários fatores influenciam e determinam o fracasso escolar e que este se aplica a diversos estudos por ser multifacetado, fez-se a aposta em delinear-lo à luz de aportes da psicopedagogia e da psicanálise, mais precisamente, no que concerne ao estudo psicanalítico dos laços sociais contemporâneos de Lacan e da teorização freudiana dos sintomas, em que ambos trazem como suplência a relação do um com o outro.

Reporta-se o tema a partir dos trabalhos de Fernandez (2006), através dos quais “duas ordens de causa” são evidenciadas como resposta ao fracasso

escolar: o problema reativo de aprendizagem e o problema de aprendizagem-sintoma. A distinção que a autora faz de ambas permite vislumbrar o fenômeno levando em consideração o sujeito *aprendente* e seus fatores relacionais, ou seja: indivíduo x objeto de conhecimento x laços sociais.

5.1.1 O problema reativo de aprendizagem

O problema reativo de aprendizagem está relacionado a fatores externos do sujeito e ligado à ação educativa e estrutura física da escola: classes superlotadas, falta de instalação e equipamentos, de espaço para reuniões pedagógicas; a situação do professor, desmotivado, com baixo salário e falta de aperfeiçoamento e qualificação profissional. Por parte do aluno o cansaço físico resultante do acúmulo de grande quantidade de afazeres que muitas vezes os dispersam dos objetivos educacionais escolares; crianças que cumprem jornadas de trabalho exaustivas que acarretam na desmotivação ao aprender. Um outro aspecto que se acrescenta a esse quadro é o número de informações e tecnologias que o *sujeito aprendente* tem contato diário – a manipulação das promessas do gozo, inerentes aos ideais universais e globalizados.

O fenômeno da globalização, os veículos de comunicação, internet, televisão, inscrevem-se num espaço virtual que promete um gozo infinito no “show da vida”, nos “realities shows”; os espetáculos se inscrevem como mágicas, guerras, violência urbana, o sexo são despejados pelos meios de comunicação diariamente e ingeridos pelos telespectadores de modo interativo; as nuances desse mundo contemporâneo é antecipado e apresentado ao sujeito aprendente, os indivíduos vivem um processo bulímico de introjetar tudo, num sentido de preencher um vazio inconsciente, pelo excesso do que lhe é ofertado e diariamente chegam à escola indivíduos exauridos de tantos saberes, e, por conseguinte, essa nova forma de laço social leva esse indivíduo *a um querer saber nada, a um querer fazer nada da escola*.

Os professores, por sua vez, se angustiam, sentem-se impossibilitados de intervir didática e pedagogicamente nesse espaço e impotentes na tarefa de ensinar esse sujeito “sabedor das coisas”. Não se pode esquecer, porém, que na vivência em sala de aula se estabelece um processo interpessoal onde professores e alunos apresentam seus repertórios a partir de suas vivências extra-escolares, sujeitos a

reprodução de seus contextos, pois a resistência em adquirir novos conhecimentos pode significar também uma resistência em desalojar saberes prévios.

Para Fernandez (2006) o problema reativo de aprendizagem afeta o sujeito sem chegar a aprisionar a inteligência; geralmente essa modalidade surge de um conflito entre o sujeito *aprendente* e a instituição educativa que funciona expulsivamente pelo viés de seus conceitos avaliativos que exclui o indivíduo de seu sistema escolar, fortalecendo o processo de discriminação social; ou ainda, a exposição à situação de fracasso escolar que pode favorecer outros fracassos com efeitos adversos como: baixa autoestima, a não aceitação pelos pares; um adoecer metaforizado naquilo que ele faz, diz ou deixa de fazer ou naquilo que ele quer dizer com seu erro. O psíquico adoecer e manifesta seus limites de suportabilidade pelos sintomas.

5.1.2 Problema de aprendizagem – sintoma

Estudar a questão do fracasso escolar como sintoma na Contemporaneidade é pensar a história de vida do sujeito em sua singularidade e sua relação com os determinantes culturais e seus vínculos sociais contemporâneos. As afirmações feitas por Bossa (2006, p. 27) indicam que:

O fracasso escolar visto como sintoma social da Contemporaneidade transcende as instituições particulares no seio das quais foi estruturada a singularidade do sujeito psíquico e leva-nos a perguntar pela lógica inconsciente de nossa época, subjacente e fundante de um modo de ser que atravessa a História, todo tecido social e todas as instituições.

E na incursão dessas palavras atemo-nos sobre o fracasso como sintoma contemporâneo; o fracasso escolar do sujeito imerso na lógica do discurso capitalista que juntamente com outras patologias (anorexia, bulimia e toxicomania presentes neste estudo) leva-nos a refletir sobre a abordagem psicanalítica e como esse novo sintoma se manifesta no contexto educacional contemporâneo.

É no espaço escolar que os sintomas se manifestam com mais intensidade, pois é nele que a criança ou o indivíduo vai lidar com a falta, com o corte, com a Lei. A entrada na escola, muitas vezes, faz aflorar alguns desalinhos da estruturação subjetiva que não se deixa perceber. É nesse lugar de expectativas de sucesso para o momento presente que o sujeito vive e pensa seu futuro, que o sintoma encontra seu lugar fértil, se aloja e se manifesta numa falha – a do saber e

que poderá se fazer ouvir pela manifestação se seus sintomas como fracasso. Como afirma Bossa (2006, p. 60 e 69) essa manifestação é inconsciente, pois o “apelo do não aprender tem na angústia o seu motor [...] traz à tona uma verdade, a verdade do sujeito [...] que surge da falha do saber.”

A falha do saber pode ser interpretada como uma fala aprisionada, que se apresenta como signo, como uma mensagem dirigida ao outro para ser decifrada. Para Fernandez (2006, p. 85), o sintoma se apresenta como um disfarce, ou melhor:

O código que escolhe o sintoma para falar nunca é escolhido por acaso. Se o sintoma consiste em não aprender, se o lugar escolhido é a aprendizagem e o *atrapado* (sic) a inteligência, está indicando algo relativo ao saber ou ocultar, ao conhecer, ao mostrar, ao aprisionar-se.

Sendo assim, esse sintoma se apresenta muito bem disfarçado, com uma máscara que vem dificultar, desvelar seus segredos. O sintoma “alude e ilude, denuncia e renuncia”. Entende-se que alude e denuncia que algo está presente e ilude e renuncia porque se realiza de modo disfarçado, metafórica ou metonimicamente, encapsulando um desejo inconsciente como mensagens ou cifras pouco decodificáveis, porém singular e que se repete pela satisfação que obtém, através da dor, do sofrimento ou através do querer nada, um gostar do nada do vem do mundo exterior. Não se pode negar a escuta ante a esse pedido de ajuda, esse mal-estar que encontra no sintoma a forma de “se fazer ouvir” assim como não se pode ignorar suas consequências, que no mínimo são a baixa autoestima, a exclusão e também a ‘oligotimia social’⁸ conforme assegura Paín (1991).

Fernandez (2006) faz uma analogia entre o problema de aprendizagem-sintoma e a anorexia. O anoréxico, por um desejo inconsciente, não come; apesar de lhe ser oferecida a comida há um *atrave* (sic) do comer. Para o sujeito com problema de aprendizagem-sintoma lhe são oferecidas as possibilidades, os recursos de aprender, mas o sujeito perdeu o desejo de aprender.

Para Cohen (2006, p. 71) “[...] o fracasso escolar em seu caráter homólogo à anorexia pode se expressar como uma anorexia intelectual, ou seja, um desejo de saber nada relacionado não só com a inibição, mas também com o sintoma.”

O anoréxico se impõe uma restrição alimentar, com jejum e progressiva exclusão alimentar, uma recusa que pode significar uma dificuldade de ingerir e

⁸ Dificuldade de relacionamento social, desânimo.

digerir as coisas externas que se apresentam a ele, o que importa para esse sujeito é um comer nada do qual nos fala Lacan. Esse nada da anorexia é apresentado por Recalcati (2004) em seus escritos “*Os Dois Nada da Anorexia*”. O primeiro como *objeto separador* está relacionado com o desejo do outro, serve para separar-se do campo do outro, numa recusa renitente diante do desejo do outro; o segundo nada exprime uma recusa radical do outro, o outro é excluído e foracluído, através dessa recusa o sujeito coloca em ato a anulação do outro. De acordo com os escritos de Cohen (2006, p. 71):

[...] o saber tem um preço que se expressa em alienação e separação [...] a aprendizagem é a possibilidade de a criança tomar o que está no campo do Outro para seu próprio uso. Para que isso ocorra é necessário um encontro, uma contingência que viabilize a transmissão de uma mensagem.

Na convergência dessa analogia considera-se que o não aprender pode representar para o sujeito com problema de aprendizagem-sintoma dois nada: o objeto separador ou a recusa do outro, ou a recusa do mundo externo a ele; e seu canal de expressão inicial pode ser a dificuldade de apreensão da escrita, da leitura e cálculo já nos primeiros anos de vida escolar, como uma forma de manifestar seus conflitos e dificuldades emocionais. Aquilo que o “nada” representa para o anoréxico, o conteúdo programático da escola pode representar para o aluno com problema de aprendizagem-sintoma.

O fracasso escolar apresentado como sintoma na Contemporaneidade, denuncia a existência de uma educação baseada em uma suposta igualdade entre homens e mulheres, adultos e crianças, regidas por uma ética de consumo. O sujeito, ao se deparar com o seu desejo, renuncia a esse saber padronizado, alienante e alienador que o faz fracassar na escola e evidencia uma particularidade do sujeito em sua dificuldade no aprender, decorrente de uma possível ferida narcísica e ao cair o investimento para o saber descortina-se em sintoma para mostrar seu mal-estar diante do que lhe é desejado pelo outro.

Tornam-se evidentes diferentes facetas do ineducável, do impossível de se realizar que “insiste em não se inscrever”, já bastante disseminado na psicanálise, promovendo um novo sintoma contemporâneo e que paralisa o ato educativo.

5.2 Anorexia e bulimia

Considera-se que a anorexia e bulimia estejam entre os novos sintomas por que estas duas patologias estão numa dimensão de gozo, por fora do campo do Outro. Assim sendo, as mesmas tratam de um sintoma silencioso, o que instiga uma questão para a psicanálise: como estabelecer a transferência com pacientes portadores dessa patologia? Apesar de existir registros de casos de anorexia/bulimia desde Hipócrates, passando pelas bruxas e santas da Idade Média, pela classificação como histeria nos tempos de Freud.

Contudo, acompanhando alguns pensamentos contemporâneos pensa-se que a anorexia e bulimia não possuem uma estrutura definida. Acredita-se que esta patologia pode ser encontrada tanto na neurose, psicose e perversão. Estas patologias, ainda, apresentam uma característica feminina, contudo atualmente observa-se também casos de anorexia masculina, homens que buscam um corpo esquelético (persuadido pelo discurso vigente de que o belo está na magreza).

Para Recalcati (2004, p. 99) a anorexia é uma enfermidade da burguesia, sendo a anorexia e bulimia uma epidemia social nas sociedades pós-capitalista e nas sociedades onde se assiste uma espécie de democracia no consumo de massa. Nessas sociedades a demanda de amor é confundida com demanda de algo e são entregues às crianças objetos como presentes, sem abrir a dimensão da falta, do amor. A anorexia e bulimia pode-se pensar que se trata de enfermidades do amor, pois a criança ao abrir a dimensão de amor para o outro é atendida como da ordem da demanda de algo e assim é oferecido apenas objetos (comida, presentes, dentre outros).

Em outra perspectiva pode-se pensar a anorexia e bulimia incluídas como novos sintomas considerando-se a diferença entre clínica freudiana e a clínica contemporânea da psicanálise. A Clínica Freudiana foi uma “clínica do pai”, tendo como suporte a lei, a proibição o desejo e o recalque; entretanto, a clínica contemporânea é pensada como uma “clínica do Outro materno”, ou melhor, do gozo, da coisa, e como gozo é sempre do excesso, o excesso da pouca substância por parte da anorexia ou o excesso da substância na drogadicção (RECALCATI, 2004).

5.3 Toxicomania

As críticas mais comuns que se faz à Psicanálise referem-se a um suposto distanciamento em relação à realidade social e uma conseqüente ineficácia frente aos males que assolam a humanidade. Afirmam os críticos da Psicanálise que seus praticantes adotam uma postura elitista no enfrentamento dos sofrimentos do ser humano, baseando-se em dados estatísticos e econômicos segundo os quais uma ínfima parcela de indivíduos sustenta um tratamento psicanalítico. Afirma-se em contrapartida o privilegiamento da Psicanálise pela dimensão subjetiva, bem como a eficácia da clínica psicanalítica assentada em seu estatuto ético (Lacan, Seminário VII), como as marcas da Psicanálise contra a padronização do homem escravizado pela Lei do Mercado, grande causadora das angústias contemporâneas.

Desde seus primeiros escritos Sigmund Freud dedica-se ao sofrimento humano, oferecendo alternativas de tratamento. Inicialmente Freud viu o que lhe era óbvio, mas oculto a todos: as disposições afetivas das enfermidades - o corpo das mulheres que ele observava respondia a outra dimensão, cuja medicina da época provou ser impotente. Diante de tais manifestações não hesitou em adentrar no universo íntimo das histéricas de fins do Século XIX, as quais o atiraram rumo ao inconsciente, para além da repressão vitoriana. Mas, o que levou suas pacientes a lhe irromperem o inconsciente? O estabelecimento da relação de transferência, condição *sine qua non* para que um sujeito entre em análise.

Ao descobrir o inconsciente tal como lhe fora apontado, Freud inaugura um novo laço social e conseqüentemente, uma nova relação de poder, uma nova forma de domínio. Esse poder baseia-se no não saber do analista sobre os motivos das angústias dos sujeitos, sendo esse saber apenas suposto, pois em verdade o analista nada sabe sobre o analisando, já que esse saber emana da fala do sujeito, ou seja, o salvo-conduto para a linguagem é o *modus operandi* da Psicanálise. Em outras palavras, onde há linguagem manifesta-se o inconsciente, que pode ser revelado em sua escuta. Entretanto, só se pode entender o sofrimento do qual trata a Psicanálise partindo-se dos modos como se constrói os vínculos sociais (COELHO, p. 108).

Jacques Lacan propõe um retorno às fontes da Psicanálise, através da releitura de Freud. Constrói, em fins da década de 60, a Teoria dos Discursos, em seu *Seminário XVII*, indicando os modos como a linguagem tece os laços sociais. Os

laços refletem o modo como as articulações da linguagem com o gozo constituem o sujeito diante da Lei e do saber. Em suma, as relações de poder que os homens estabelecem entre si respondem à ordem dos discursos. Dependendo de como se dá a entrada de um sujeito no mundo da linguagem ele constitui sua subjetividade, cuja singularidade caracteriza o que lhe é mais íntimo, mais próprio, mais peculiar, em última instância o que não pode ser substituído por ninguém nem por coisa alguma: seu sintoma.

O conceito de sintoma para a Psicanálise é muito diferente do que é para as ciências da cognição e da consciência, pois, se para o cientista o sintoma deve ser medido, domesticado, remediado como doença a ser curada, para o psicanalista o sintoma há que ser falado, pois desse modo se revela quem o carrega e o apaziguamento forçado desse modo de ser, que é o modo de gozo, por qualquer que seja o artifício, traz enormes prejuízos para seu detentor, pois sendo o sujeito humano um sujeito de desejos, quanto mais se aprofunda em seu desejo, mais íntimo e singular se mostra o que o impulsiona. Se para um bom entendedor meia palavra basta, para o psicanalista o discurso de um sujeito em análise deságua num furo cujo avesso de sentido está além de qualquer marca que se tente pregar num sujeito como um veredicto a modo de cruz.

A condição humana na Contemporaneidade mostra o desamparo diante da crise de autoridade advinda da queda do nome-do-pai, da quebra da Lei que fundamenta o processo civilizatório. O imperativo do consumo em busca de prazer a qualquer preço faz agonizar tanto o Estado quanto a Igreja, quaisquer que sejam suas orientações.

Existe alguém que escape a tais condições? Existe quem não se submeta? Quem pensa e vocifera contra a Lei do Mercado está fadado à redundância, conforme denuncia Bauman (1998, p. 27) “[...] os seres humanos que transgridem os limites se convertem em estranhos.”

Testemunhamos midiaticamente o esquiteamento de quem exercia a função de Pai da Igreja Católica, o Papa João Paulo II, que com propriedade nos adiantara: “A autêntica intuição vai além do que percebe os sentidos e, penetrando a realidade, tenta interpretar seu mistério escondido.”⁹

⁹ Disponível em: www.pensador.info. Acesso em 10 dez., 2008.

Não só o corpo do referido Papa sofreu as agruras do capitalismo avançado que se baseia no discurso da ciência, cujo investimento visa a cura do “mal de existir”; a fragilidade humana reflete também a fluidez social e política das nações, diuturnamente vilipendiadas pelo consumismo. Exemplo emblemático é a queda dos governadores de Nova Iorque e do Maranhão, aquele por “comer” suas filhinhas¹⁰ e este por comprar votos.¹¹

A angústia, dissimulação de felicidade, que a ciência propõe pelo consumo de seus objetos técnicos atinge a estrutura da realidade, esquadrinhando um gozo que no fundo é impossível, conforme demonstra Santiago em sua obra intitulada *A Droga do Toxicômano*, publicada em 2009: “[...] a intromissão da ciência no funcionamento das coisas do mundo chega a produzir mudanças no real.” Partindo-se desse entendimento, urgem imposições de consumo, conforme segue:

- O Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva afirma que é hora de comprar. Incita todos a aproveitarem o momento para comprar, pois as linhas de crédito estão abertas ao povo brasileiro¹² (informação verbal).

- O Papai Noel deseja “Feliz Natal, no dinheiro, no cartão de crédito ou no cheque especial”¹³ (informação verbal).

Os papais andam dizendo por aí que a felicidade mora no consumo: Compre! Compre! Compre! Gaste! Gaste! Gaste! Brilhe! Brilhe! Brilhe! Mais! Mais! Mais! E, o que fazemos nós? Como bons cidadãos que querem continuar enredados culturalmente e não se sentindo como peixes fora d'água, conectamo-nos à enfermaria global: mais gigas na memória computadorizada, mais cavalos no motor automotivo, mais brancura no sorriso clareado, mais inchaço nos músculos anabolizados, mais protuberância nos peitos siliconizados, dentre outras implicações com a dimensão da imagem. Dentre os sintomas contemporâneos, que não falam, antes calam e bem fundo, em troca de prazer em migalhas, encontramos os distúrbios alimentares, a depressão, o fracasso escolar e o mais caro de todos: a toxicomania.

¹⁰ Jornal www.sic.aeiou.pt, acesso em 11.12.2008,

¹¹ O Imparcial, São Luís, 04 mar. 2009. Últimas Notícias, p. 14.

¹² Reportagem apresentada na Bandnews, Rede Bandeirantes de Televisão, em dezembro de 2008.

¹³ Reportagem apresentada no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão em dezembro de 2008.

Em seu artigo intitulado “O Gozo Cínico do Toxicômano”, Lemos (2009) entende que:

Na toxicomania, o sujeito rompe com as relações sociais e casa com a droga. O casamento com a droga representa o enlaçamento com o Um, com o absoluto, quando o Outro não mais faz parte. Nessa união, o sujeito aparece totalmente integrado com seu objeto/parceiro (droga). Gozar com a droga é diferente de gozar com o sexo, pois o gozo cínico rompe com o gozo fálico, com a fantasia, sem realizar a forclusão do Nome-do-pai.

Remontando à Antiguidade, a dimensão utilitária do uso da droga revela a tentativa de ultrapassagem de uma dada situação (de dor, de sofrimento ou busca de plenitude). Santiago retoma o Fedro de Platão para analisar a sedução do *Phármakon*, cujo poder estupefaciente regula a polissemia do termo droga: “Eis aqui, oh Rei, o saber que dará aos egípcios mais sabedoria, mais ciência e mais memória” (PLATÃO apud SANTIAGO, 2009, p. 33).

A toxicomania recebe nos dias atuais o tom de vilania ao solapar os laços sociais estabilizadores da sociedade capitalista, cuja segregação ao drogado baseia-se no excedente de gozo que transparece em seu ostracismo voluntário. A economia de mercado, ao mesmo tempo em que controla o comportamento do sujeito contemporâneo, legifera com a barbaridade da lavagem de dinheiro sobre a sobressaltada sociedade que, de olhos esbugalhados neste início de século, rende-se às manipulações econômicas que por fim geram as crises como a que ora se atravessa nos embalos de Barak Obama.

Há na toxicomania uma relação de compromisso com o gozo, no sentido de prescindir do laço social, em detrimento do desejo. Por isso, a droga cala o sujeito, submetendo-o à ética cínica, ou seja, a subjetividade é interdita pela articulação direta ao gozo Real, no sentido lacaniano de impossível de ser dito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de responder às indagações pertinentes ao jogo cruel contemporâneo, cujas regras dominam e coagem os sujeitos, nos conduz a uma reflexão dos estudos e teorias freudo-lacanianas sobre os novos sintomas a partir dos vínculos sociais e discursos que se apresentam. A formação de sintomas na sociedade de consumo remete à queda da Lei do Pai, lei fadada à ignorância não no sentido de não sabê-la e nem de não reconhecê-la, mas excluí-la, deixá-la de lado e simplesmente seguir adiante, num gozo insaciável de querer mais e mais do que nos é **a-present-ado** – um objeto “a” ofertado, presenteado. Ao mesmo tempo não é fácil fazer um recorte preciso de seus contornos, cuja complexidade se encontra na subjetividade de cada um.

Situando algumas concepções, buscou-se mostrar que a psicanálise oferece recursos para a reflexão sobre os novos sintomas apresentados pelos sujeitos contemporâneos, caracterizados pelo individualismo de obtenção de objetos valorizados como possíveis de garantir a satisfação e a felicidade almejadas, em troca de suas referências, histórias e do aniquilamento da Lei simbólica.

O consumo exacerbado de drogas lícitas e ilícitas, bem como a posse de objetos tecnológicos de última geração tamponam lacunas, faltas, na busca de satisfação do desejo desse sujeito contemporâneo que, em suas angústias, sofre silenciosamente ao perceber que tudo isso claudica e não o satisfaz. Esse sujeito contemporâneo carrega, porém, marcas históricas da própria sintomatização do advento do Cristianismo à ascensão e queda da aristocracia e burguesia; da separação da Igreja em relação ao Estado; do *boom* da ciência, da substituição de Deus por um ideal de trabalho como sustentação do capital; da liberação sexual; do excesso de informação e informatização; aos sintomas dos fracassos de escolares, do anoréxico, do bulímico, do toxicômano.

O ponto de convergência entre os sintomas abordados neste trabalho, quais sejam a bulimia, a anorexia, o fracasso escolar e a toxicomania, são atinentes à relação do sujeito com o gozo, em detrimento de sua dimensão desejante, relação de prioridade e não de exclusão. Em outras palavras, não é que o sujeito contemporâneo prescindia da linguagem; antes, compromete-se de maneira acrítica com uma satisfação plena que os objetos técnicos da ciência supostamente lhe

proporcionariam, neste momento de crescente individualismo e extremado narcisismo.

Houve, neste estudo, o empenho em delinear uma reflexão, a partir de referências da psicanálise dos sintomas contemporâneos, na tentativa de compreender o estatuto que os definem como novos; sem a pretensão de esgotar o assunto, as leituras e debates durante o processo apontaram para uma consonância entre as novas formas de vínculos sociais e os novos sintomas na Contemporaneidade, de forma que para cada sujeito há um processo diferenciado, singular, ou seja, permeado por características próprias de manifestação. Faz-se necessário considerar, por conseguinte, que o novo sintoma enquanto uma insurgência contra o recalque ou contra a Lei, ou Nome-do-Pai não significa que esta perdeu seu poder, senão seríamos psicóticos. E se ao contrário não a contestássemos não estaríamos todos condenados à apatia e ao desânimo?

O que caracteriza os trabalhos de psicanalistas, psicólogos, educadores e tantos outros profissionais que lidam com o sujeito na sociedade capitalista, é esclarecer o espaço entre a aceitação e a transgressão, o que inconscientemente está nesse desequilíbrio que faz o sujeito padecer desse mal-estar contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BORGES, Sonia. In: CONDE, Helena. **Sintoma em Lacan**. (Prefácio). São Paulo: Escuta, 2008. 96 p.
- BOSSA, Nádya A. **O fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CAMPOS, Flávio de; MIRANDA, Renan Garcia. **A escrita da história**: ensino médio. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- CASTRO, A.A. A formulação de pesquisa. In: _____. **A revisão sistemática com e sem metanálise**. São Paulo: 2001. Disponível em: <<http://www.metodologia.org.br>>. Acesso em: 20 mar. 2009.
- COELHO, Carolina M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário XVII. **Rev. de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC**. Barbacena, v. 4, n. 6, p. 107-121, jun., 2006.
- COHEN, Helena Pinto. **A lógica do fracasso escolar**: psicanálise e educação. Rio de Janeiro. Contra Capa, 2006.
- CONDE, Helena. **Sintoma em Lacan**. São Paulo: Escuta, 2008. 96 p.
- FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**: uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 2000. 1 CD ROM. Versão 2.0.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, v. 3, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 15. ed. São Paulo: Graal, 2003.
- LACAN. Seminário I, 1953-54.1986.

LEMOS, Inez. **O gozo cínico do toxicômano**. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/mental/v2n3/v2n3a05.pdf>> .Acesso em: 1 maio, 2009.

MACHADO, Ondina. **O tempo na contemporaneidade**. 2001. (Fotocópia).

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MILLER, J. A. **O percurso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PAIN, Sara. **A função da ignorância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PORTILHO, Ronald. Sintoma e identificação. In: _____. **O Sintoma-Charlatão: textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RECALCATI, Massimo. **La última cena: anorexia y bulimia**. Buenos Aires: Ediciones del Cifrado, 2004, 277 p.

_____. Os dois “nada” da anorexia. **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 32, p. 26-36, 2001.

SANTIAGO, Jesús. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SANTOS, Tânia Coelho dos. **Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.